

E PURE SI MUOVE...

por Mário Soares

O mundo continua desesperante e perigoso, neste início de 2007. A violência, sob os mais diversos modos, domina a vida quotidiana das pessoas, em todos os Continentes. Se não for por outras formas através das televisões, do cinema e da Internet. O consumismo, mesmo em países pobres e terrivelmente desiguais, alastra. E com ele a irresponsabilidade, a perda de valores, a corrupção, a todos os escalões, a falta de vergonha, a vida no presente, sem referências do passado nem rumo quanto ao futuro.

Alguns pretendem que estamos numa crise de civilização. No fim de uma fase histórica, em mudança. No Ocidente, obviamente. Mas também no resto do mundo. Na Rússia, vizinha da União Europeia, onde parece estar a viver-se, em flash back, o tempo dos Bórgias e as máfias do dinheiro ostentam a sua riqueza, com total impudor, nas grandes cidades de Moscovo e de São Petersburgo. Porque o resto conta pouco. Mas, por outro lado, em paralelo, está a surgir uma vontade cidadã de se afirmar. Na China, onde há progressos imensos, mas em que uma plutocracia crescente coexiste, com dificuldade, com uma burocracia, rigidamente hierarquizada, dominante no Partido e no Estado. Na Índia, onde tudo parece ir bem no plano tecnológico, científico e do desenvolvimento, para uma parte da população, visto que a maioria, espartilhada em castas, continua sem acesso ao progresso e ao conhecimento...

No resto do Mundo, de que se fala menos, apesar das inúmeras diversidades, o que mais pesa são as desigualdades e a pobreza, que não diminui, mau grado os generosos objectivos do Milénio, definidos pela ONU. Estes, foram subscritos por todos os Chefes de Estado e do Governo presentes na ONU, no ano 2000, mas em vão, visto que muito pouco se fez para os atingir... Para não falar do Médio Oriente onde reina o caos, a guerra ou a iminência da guerra, o desespero e a humilhação.

A globalização, tem sido um excelente negócio para os ricos, como nota Stiglitz, mas não trouxe grandes melhorias aos pobres. A desorientação, as promessas vagas, em que ninguém de bom senso já confia, e o desânimo, quanto a um futuro melhor, a curto prazo, parecem alastrar. O Forum Social Mundial de Nairobi e o Forum Económico de Davos reflectiram, embora em termos diferentes e com alguma ambiguidade, o clima de incerteza reinante neste início de 2007.

E, no entanto, por debaixo desta espessa camada de pessimismo, alguma coisa parece começar a mexer... "E pure si muove", disse Galileu. A opinião pública global, que hoje é uma realidade com que se deve contar, a consciência universal das ameaças que pesam sobre o nosso Planeta (Vide o filme e o livro de Al Gore, "Uma verdade inquietante") a desordem internacional que tem vindo a instalar-se, aos olhos de todos, começam a inquietar fortemente as pessoas em todos os continentes, que se manifestam e protestam por forma cada vez mais audível.

A guerra contra o Iraque, que foi um momento decisivo de partilha de águas, na consciência mundial, provocou, finalmente, um choque irreversível na opinião pública americana. O discurso de Estado proferido pelo Presidente Bush, na defensiva, na frente interna - com cedências significativas em matéria social e ecológica - aponta para uma "fuga para a frente", quanto à guerra contra o Iraque, para onde se propõe enviar mais tropas. Nada mudou ainda nos seus projectos belicistas, relativamente ao Afeganistão, ao Irão, à Síria, ao Líbano e ao conflito Israelo-Palestiniano. Esperemos que o Congresso, sensível à mudança da opinião pública americana, seja capaz de travar o Presidente, esboçando outras políticas externas para restaurar a credibilidade perdida dos Estados Unidos, no Mundo. Seria excelente para o Ocidente, no seu conjunto - e para o Mundo - que assim sucedesse.

O choque psicológico do desastre da "guerra" do Iraque e da maneira desastrosa como tem sido conduzido o combate ao terrorismo, em geral, também parece ter atingido a União Europeia, acusada pela opinião pública interna, de intolerável omissão e paralisia. A chanceler alemã, Angela Merkel, na presidência da União, tem dado sinais de querer reagir. Com efeito, repôs na agenda

européia o Tratado Constitucional, que alguns apressados supunham morto e enterrado, demonstrando que sem uma reforma institucional séria, incluindo o aumento dos recursos financeiros da Comunidade, a governação de uma Europa a 27 será impossível. Mais democracia - e mais participação - fazem falta à União Europeia!

Outro passo foi dado na recente reunião de Madrid dos 18 países europeus que já ratificaram o Tratado Constitucional. Mais dois, Portugal e Irlanda, que não o tendo ratificado estiveram presentes - e bem - em Madrid, por serem a favor do Tratado. A reunião de Madrid manifestou uma vontade política de avançar, em termos de construção europeia, embora o caminho seja ainda incerto. É preciso que isso se torne claro, sem receio. E procurando o apoio - que existe - da opinião pública dos países membros.

A Espanha que tem ao leme um primeiro ministro inteligente, dinâmico, corajoso e que sabe o que quer, (como mais uma vez demonstrou, na forma como se portou nas Cortes, com insuperável dignidade, em reacção à irresponsabilidade da ETA) faz bem em ajudar a Alemanha da Senhora Merkel a ultrapassar a crise da União Europeia. É necessário que assim aconteça, como contributo decisivo para reordenar o Mundo e trazer uma nova esperança a todos os Povos.

Lisboa, 31 de Janeiro de 2007